

O PROCESSO DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO

Taynara Maylane Passos de Morais¹

Martha Zoni (Orientadora)²

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar como se dá o processo de letramento e alfabetização de uma criança surda no ensino regular infantil. A base teórica desta pesquisa está fundamentada em Soares (2011, 2017), Tfouni (1997), Kleiman (2006, 2007), Skliar (2013, 2016), Fernandes e Rios (1998), Wei (2000), Goldfeld (2002), Santana (2007), Santos (2009), Quadros (1997, 2019), Pereira (2009). A metodologia traz autores como Markoni e Lakatos (2011), André (2012) e Chizzotti (1991). Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo com foco no estudo de caso e foi dividida em três etapas: a) a seleção e delimitação do caso; b) o trabalho de campo; c) a análise, organização e elaboração dos resultados. Os resultados desta pesquisa demonstraram o quanto a alfabetização pensada a partir dos estudos do letramento no ensino infantil são necessários, pois é na sala de aula que o processo de alfabetizar letrando se inicia, e quando se trata do ensino aprendizagem de alunos surdos, este se torna um exercício lento e mal estruturado, excluindo o aluno de obter uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Letramento. Alfabetização. Criança surda. Educação Infantil. Inclusão social. Estudo de caso.

ABSTRACT

This study aimed to analyze how the process of Literacy and Alphabetization of a deaf child in regular children's education works. The theoretical basis of this research is based on Soares (2011, 2017), Tfouni (1997), Kleiman (2006, 2007), Skliar (2013, 2016), Fernandes and Rios (1998), Wei (2000), Goldfeld (2002), Santana (2007), Santos (2009), Quadros (1997, 2019) and Pereira (2009). The methodology brings authors such as Markoni and Lakatos (2011), André (2012) and Chizzotti (1991). This is a qualitative research focused on the case study and was divided into three stages: a) The selection and delimitation of the case; b) Field work; c) The analysis, organization and elaboration of the results. The results of this research showed how much alphabetization thought from the studies of literacy in Early Childhood Education is Necessary, because it is in the classroom that the process of literacy learning begins and when it comes to teaching and learning for deaf students, this is it becomes a slow and poorly structured exercise, excluding the student from obtaining a quality education.

Key-words: Literacy. Alphabetization. Deaf Child. Early Childhood Education. Social Inclusion. Case Study.

¹ Acadêmica do Curso de Letras Libras Português da Universidade Federal do Amapá. E-mail: may.morais10@gmail.com

² Professora Associada III do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá. E-mail: marthazoni@unifap.br

Introdução

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que investiga o processo de Letramento e Alfabetização de uma criança surda na Educação Infantil com o objetivo de analisar como ocorre esse processo dentro da sala de aula regular.

De forma específica procurou-se identificar que habilidades o aluno surdo, sem a Libras (L1)³ e sem o Português (L2), consegue desenvolver em uma sala de aula regular; como o aluno surdo consegue desenvolver-se no aprendizado dessas duas línguas; a escola tem recursos para desenvolver o processo de Letramento e Alfabetização do aluno surdo?

Ao longo desta pesquisa, foi feita primeiramente uma pesquisa bibliográfica juntamente com o início da pesquisa em campo, de onde partiu a ideia de se fazer uma pesquisa sobre o tema aqui estudado, devido à realidade do aluno surdo que, ao entrar em uma escola regular, depara-se com muitas dificuldades que não favorecem a aquisição da L1. Na maioria das vezes, ele chega sem conhecer a Libras, porque sua família desconhece essa língua, não proporcionando assim um ambiente linguístico adequado ao desenvolvimento cognitivo da criança, passando essa função para a escola.

Ao chegar nesse espaço educacional, a criança surda encontra algumas barreiras: (i) professores que não conhecem e não dominam Libras; (ii) professores que não estão preparados para alfabetizar-letando crianças surdas; (iii) falta de profissionais capacitados; (iv) a maioria dos alunos da turma é ouvinte; (v) além de uma adaptação curricular inadequada. Assim, nesse ambiente, não há de fato muita interação entre surdos x ouvintes.

O procedimento metodológico deste trabalho é de cunho qualitativo baseados nos estudos de Markoni e Lakatos (2011) enquadrando-se em um estudo de caso alicerçado em André (2012) e Chizzoti (1991).

A pesquisa ocorreu no período de 18 de setembro a 18 de dezembro de 2019, com um aluno surdo de 5 anos e com as professoras da sala de aula regular e do AEE, na Escola de Ensino Infantil Meu Pé de Laranja Lima, localizada no bairro Santa Rita, Macapá - AP. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: observação do ambiente escolar, notas de campo, entrevista estruturada e fotos.

³ Neste trabalho, algumas vezes utilizou-se a sigla L1 para fazer referência à Libras e L2 para fazer referência ao Português na modalidade escrita para surdos.

Este trabalho encontra-se dividido nas seguintes seções, além desta Introdução e das Considerações finais: (i) O Referencial teórico, que aborda a Alfabetização e o Letramento na Educação Infantil, O Bilinguismo na Educação de Surdos, As propostas bilíngues para a Educação de Surdos; (ii) Metodologia, que discorre sobre o Estudo de Caso e os procedimentos de técnica de coleta de dados, que são demonstrados e discutidos. A seguir, referencial teórico.

1. Referencial Teórico

Esta seção está dividida em duas partes: 1.1 A alfabetização e o Letramento na Educação Infantil com base nos autores Soares (2011, 2017), Tfouni (1997) e Kleiman (2005, 2007) que trazem uma análise sobre letramento, alfabetização e seus conceitos; 1.2.1 As propostas bilíngues para a Educação de Surdos: desafios atuais com base em Fernandes e Rios (1998), Wei (2000), Goldfeld (2002), Santana (2007) tratando bilinguismo; e Skliar (2013, 2016) discorrendo sobre a LDB e educação bilíngue.

1.1 A Alfabetização e o Letramento na Educação Infantil

Para falar sobre alfabetização e letramento, é necessário, primeiro, compreender os conceitos de cada um, tendo em vista que o fato de que o conceito de letramento, por razão do seu início imbricado no conceito de alfabetização, ser ainda hoje facilmente confundido. Primeiro ponto a se destacar é que letramento e alfabetização, apesar de relacionados, dizem respeito a coisas diferentes.

A alfabetização, de um modo geral, é um processo de aquisição de uma linguagem escrita. Por esse processo, são desenvolvidas as habilidades de ler e escrever. Essas habilidades serão utilizadas como códigos de comunicação no meio social e geralmente esses processos ocorrem no período da infância.

O letramento, por sua vez, segundo Soares (2017), configura-se como a necessidade de nomear e ajustar comportamentos e práticas sociais que excedem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, visto que práticas sociais de leitura e escrita foram adquirindo mais importância devido à vida social e às atividades profissionais estarem cada vez mais dependentes da escrita, evidenciando a necessidade do indivíduo ser mais que alfabetizado.

Seguindo este raciocínio, Tfouni (1997) afirma que tanto a alfabetização quanto o letramento são resultados da aquisição do processo de leitura e escrita. Mas, o que os diferencia é que a alfabetização é um processo individual, ou seja, quando o indivíduo adquire a habilidade ou o domínio sobre as práticas de linguagem. Já o letramento, é um processo social, que está relacionado com os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita.

É preciso compreender que os processos de alfabetização e letramento são diferentes, dado que se diferem tanto em relação aos instrumentos de estudo quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem. Sobre isso, Kleiman (2005, p. 18) discorre que, o letramento é complexo e envolve muito mais que uma habilidade (ou conjunto de habilidades) ou uma competência do sujeito que lê. Múltiplas capacidades e conhecimentos são fundidos nesse processo, muitos dos quais não tem necessariamente relação com a leitura escolar, e sim com a leitura de mundo, com o social, visto que esse processo se inicia antes mesmo da alfabetização. Enquanto que a alfabetização significa tornar o indivíduo capaz de ler e escrever, é o processo pelo qual a pessoa adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo, ou seja, domínio de técnicas pra exercer a arte e a ciência da escrita, e também, o desenvolvimento de novas formas de compreensão e interpretação e uso da linguagem de uma maneira geral, como afirma Soares (2011).

Observando este cenário é de fundamental importância introduzir isto no contexto da educação de surdos, pois, atualmente, este assunto está sendo bastante discutido no meio acadêmico. Há muitos estudos sobre essa questão do ensinar a ler e escrever letrando, mas, na prática de sala de aula, isso ainda é bastante tímido, sobretudo se nos referirmos ao ensino de alunos surdos. Meu período de observação na escola- campo, quando fazia o estágio supervisionado e antes de iniciar a pesquisa em si, demonstrou isso.

No que tange à educação inclusiva e à proposta bilíngue para as escolas regulares, é preciso, além de alfabetizar, letrar o surdo na L2 e fazê-lo adentrar um mundo onde ele terá acesso não apenas a uma nova língua, mas a toda uma forma diferente de significar e significar-se, ampliando seus horizontes que foram adquiridos por meio da sua L1, uma vez que esta é a porta de acesso para a inclusão das crianças surdas, de modo que elas compreendam e sejam compreendidas na sociedade onde vivem como aponta Santos (2009) em sua pesquisa. Por isto, é imprescindível que a alfabetização e o letramento das crianças surdas em seu processo de aquisição da linguagem ocorram ainda na educação infantil.

O período da educação infantil é muito importante para o desenvolvimento sócio-cognitivo das crianças no meio social, pois este é o início da vida escolar. Logo, a inserção da criança no processo de letramento vem juntamente com o processo de alfabetização. Em uma sociedade onde a escrita é muito valorizada, a proximidade das crianças com o letramento acontece bem mais cedo, e por muitas vezes a alfabetização é apresentada como um objetivo de aprendizagem já na educação infantil. Sobre isto, Soares (2017, p. 139) diz que:

[...] as crianças convivem com a escrita - umas mais, outras menos, dependendo da camada social a que pertençam, mas todas convivem - muito antes de chegar a instituições de educação infantil, e nessa convivência vão construindo sua alfabetização e seu letramento: seu conceito de língua escrita, das funções do ler e do escrever, seu conhecimento de letras e números, a diferenciação entre gêneros e portadores de textos - as informações que veem os adultos buscarem rótulos, as histórias que lhes são lidas em um livro, em uma revista, os bilhetes que as pessoas escrevem ou leem... Além dos conceitos e conhecimentos, as crianças vão também construindo, em seu contexto social e familiar, interesse pela leitura e pela escrita e desejo de acesso ao mundo da escrita.

Seguindo o pensamento da autora, é interessante reconhecer que as crianças já têm um contexto cultural de imersão na escrita fora das instituições de ensino e que trazem consigo seus conceitos e conhecimentos, e não considerar isto é ignorar o interesse que elas têm por aumentar o seu convívio com esta modalidade de uso da língua.

No começo do processo escolar, as crianças conseguem aprender muitas coisas ao mesmo tempo: ler, escrever, aprender outras línguas, tocar um instrumento, entre diversas outras coisas. Todavia, para as crianças surdas, esse processo é um pouco mais demorado, devido essas crianças, em muitos casos, ainda não terem adquirido sua L1, por isso esse processo seria mais fácil se o aluno surdo já tivesse adquirido a sua primeira língua.

A alfabetização ocorre quando objetos ou imagens (signos) se tornam representações para ligar a mente da criança ao que uma letra representa. Com isso, a criança consegue fazer associações em sua memória e conseguirá formar uma palavra. Soares (2017) afirma que a leitura de histórias para crianças é a principal e indispensável atividade de letramento no ensino infantil. E este sistema faz com a criança conheça os livros, revistas, as palavras, sequência de letras, a maneira certa de folhear as páginas, entre outras coisas.

A Alfabetização e o Letramento⁴ na infância podem acontecer de maneira integrada. Quando a criança está aprendendo as letras e os números, por exemplo, ela primeiramente precisa identificá-los, quando está desenhando, ela supõe que está escrevendo, e até mesmo quando começa a escrever, tenta usar as letras cursivas, como as que os adultos usam. Tudo isso faz parte do processo de alfabetização e letramento, que, apesar de serem processos diferentes, são interdependentes. Para as crianças surdas, isso ocorre quando a criança está aprendendo a L1 ao mesmo tempo em que está aprendendo a L2.

Deste modo, é possível ver de forma clara o desenvolvimento destes dois processos no indivíduo surdo. E o papel do professor nesta perspectiva de ensino da alfabetização e da língua materna é voltada para a prática social. Um enfoque socialmente contextualizado pode conceder ao professor autonomia no planejamento das unidades de ensino e na escolha de materiais didáticos, conforme Kleiman (2007).

Utilizar os signos para ensinar crianças surdas é um método indispensável, visto que os surdos precisam de uma ligação com imagens para poder fazer associações, devido à sua língua ser visual-espacial, como já dito anteriormente. Dito isto, afirma-se que não é possível alfabetizar sem que ao mesmo tempo estejamos letrando os indivíduos, sejam eles surdos ou ouvintes.

1.2 O Bilinguismo na Educação de Surdos

Não se pode falar sobre o processo de alfabetização e letramento de crianças surdas sem falar sobre o bilinguismo, que, de modo abrangente, é o termo aplicado aos indivíduos que conseguem comunicar-se em dois idiomas, seja devido às circunstâncias seja por questões de pesquisa, ou até mesmo para enriquecer o currículo, entre muitos outros motivos.

⁴ Quando se faz referência, neste trabalho, à Alfabetização e ao Letramento, não se está excluindo o fato de que o processo de Letramento é mais amplo do que o que ocorre na escola. A criança, desde a mais tenra infância já participa de eventos e práticas de letramento no ambiente em que vive. Quando se menciona Alfabetização aliada ao Letramento, aqui, está se referindo ao Letramento escolar que a escola deve proporcionar ao aluno quando o alfabetiza para que este processo [o da alfabetização] não seja um fim em si mesmo, mas para que, ao alfabetizar, o aluno se torne cada vez mais apto a processos de letramentos mais complexos e que entenda a escrita nos seus mais diversos contextos de uso em sociedade.

No que diz respeito ao bilinguismo surdo, este nasceu há muito tempo, a partir da necessidade de comunicação dos surdos entre si e com os ouvintes e ocorre por meio da sua L1 e por meio da L2 na modalidade escrita. Alguns surdos também adquirem a L2 na modalidade oral (são surdos oralizados). Acerca do bilinguismo, Fernandes e Rios (1998, p. 14) têm a dizer que:

Educar com bilinguismo é “cuidar” para que, através do acesso a duas línguas, se torne possível garantir que os processos naturais de desenvolvimento do indivíduo, nos quais a língua se mostre instrumento indispensável, sejam preservados. Isto ocorre através da aquisição de um sistema linguístico o mais cedo e o mais breve possível, considerando a Língua de Sinais como primeira língua, na maioria dos casos, como acontece em nosso projeto. Educação com bilinguismo não é, pois, uma nova forma de educação. É um modo de garantir uma melhor possibilidade de acesso à educação.

Conforme as autoras, apesar do bilinguismo ainda não ser amplamente difundido, ele é de extrema importância no que se refere à educação de surdos, pois a integração desses indivíduos com as duas línguas (L1 e L2) causa um grande impacto, não só na comunidade surda, como na sociedade de um modo geral. É importante ressaltar que a idade de aquisição das línguas é considerada de extrema importância, pois afeta diversos aspectos do desenvolvimento do indivíduo bilíngue, como por exemplo: o desenvolvimento linguístico, neuropsicológico, cognitivo e sociocultural, conforme aponta Wei (2000).

A língua de sinais está inserida diretamente na identidade surda. Esta língua é dotada de um sistema fonológico (ou quirológico), morfossintático e semântico-pragmático como toda língua natural (QUADROS, 2019). Ela é espaço-visual e, a exemplo de outras línguas possui modos de significação próprios à sua cultura (à cultura surda) e tem gêneros textuais também próprios e com características peculiares. Dentre esses gêneros, destacam-se as histórias infantis, a poesia, as piadas, jogos e tudo isso é de fundamental importância no que tange à comunicação dentro e fora da comunidade surda.

A partir disto, a seguir, serão abordadas algumas propostas bilíngues para a educação de surdos e os desafios atuais

1.2.1 As propostas bilíngues para a Educação de Surdos: desafios atuais

O bilinguismo surdo traz consigo a proposta de inclusão, com a introdução de alunos surdos nas instituições de ensino regulares e com isso a busca de um modelo educacional que integre todos no mesmo campo de educação. A década de 1990 foi muito importante para o fortalecimento das ideias de escolas inclusivas, havendo um movimento mundial em defesa da inclusão das pessoas com deficiências, assim, exercendo uma forte

influência nas políticas educacionais brasileiras, conforme aponta, Skliar (2013).

No Decreto 5.626/2005 e na Lei nº 10.436/2002 há deliberações específicas sobre a formação de docentes bilíngues, instrutores surdos e intérpretes de Libras, no entanto a estruturação do bilinguismo nas práticas pedagógicas, mais precisamente as questões metodológicas, ainda se delinea como um desafio.

No Brasil, constituiu-se a Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional (LDB) que reconhece o direito de educação para todos e traz a proposta do ensino, baseando-se nos princípios da igualdade de condições de acesso, permanência e aprendizagem para todos os alunos. Contudo, como afirma Skliar (2013, p. 108):

Ao tomar contato com a LDB, torna-se claro o estímulo para integração de surdos na escola regular. Embora a lei fale sobre respeito às diferenças, sobre recursos disponíveis para aprendizagem sobre a tecnologia a serviço da educação e sobre igualdade, parece ficar a desejar discussões que abordem temas culturais e políticos.

Davies (1996 apud SKLIAR, 2016, p. 7) diz que ao se discutir sobre a educação bilíngue em uma dimensão política assume-se um duplo valor: no que tange à construção histórica, cultural e social, e o “político” entendido como relações de poder e de conhecimento que atravessam e delimitam a proposta e o processo de educação de surdos. Nesse último sentido, então, existe um conjunto de políticas para a surdez, políticas de representações dominantes da normalidade, que exerce uma pressão a respeito da linguagem, identidade e principalmente sobre o próprio surdo.

Goldfeld (2002) e Santana (2007) explanam que, apesar de não haver unanimidade na aplicação do bilinguismo no âmbito educacional, são observados dois modelos de materialização dessa filosofia: o primeiro modelo aponta para a aprendizagem da língua de sinais e da língua oral com a alfabetização na língua de sinais em segundo plano. O segundo descarta a necessidade de aprendizagem da língua oral, priorizando que o surdo adquira a língua de sinais e a língua portuguesa na modalidade escrita.

Portanto, coexistem dois modelos para a educação bilíngue dos surdos e formatos diferenciados de implementação deles nas escolas, como: a) o professor bilíngue lecionando em Libras para os alunos surdos e b) professor regente lecionando em Língua Portuguesa acompanhado do intérprete de Libras (FERNANDES; RIOS, 1998).

É notável a falta de consistência política no que tange à educação bilíngue para surdos, que englobam ensino regulares, direitos e deveres de alunos e funcionários, inclusão social na comunidade e no campo escolar na qual os surdos vivem. Quadros (1997, p. 29) diz que “as realidades psicossocial, cultural e linguística devem ser consideradas pelos profissionais ao se propor o bilinguismo. A escola (professores, administradores e funcionários) deve estar preparada para adequar-se à realidade assumida e apresentar coerência diante do aluno e de sua família”.

1. Metodologia

Esta pesquisa de abordagem qualitativa se deu em razão desta abordagem permitir que os dados analisados sejam interpretados e não apenas observados e descritos. Pois, segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 269), “a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.”.

Sobre o estudo de caso, André (2012) discorre que este estudo que está presente na metodologia educacional nos estudos descritivos de uma unidade, seja uma escola, um professor, uma sala de aula ou um aluno. A subseção a seguir trata do estudo de caso no ambiente escolar.

1.1 O Estudo de Caso na prática escolar

Segundo André (2012), a dimensão pedagógica abrange as situações de ensino nas quais se dá o encontro professor-aluno-conhecimento. Nessas situações estão envolvidos os objetivos e conteúdos do ensino, as atividades e o material didático, a linguagem e outros meios de comunicação entre professor e alunos e as formas de avaliar o ensino e a aprendizagem.

Ainda de acordo com a autora, o estudo da dinâmica de sala de aula é preciso ser lavado em conta, pois a história pessoal de cada indivíduo que dela participa, assim como as condições específicas em que se dá a apropriação dos conhecimentos são fundamentais para o entendimento do processo. Isso significa, por um lado, considerar a situação concreta dos alunos (processos cognitivos, procedência econômica, linguagem, imaginário), a situação concreta do professor (condições de vida e de trabalho, expectativas, valores, concepções) e sua inter-relação com o ambiente em que processa o ensino. Por outro lado, significa analisar

os conteúdos e as formas de trabalho em sala de aula, pois só assim se poderá compreender como a escola vem concretizando a sua função socializadora.

Além das informações advindas de André (2012), o estudo de caso desta pesquisa se deu também com base nos estudos de Chizzotti (1991). Para este autor, o estudo de caso é uma pesquisa que coleta e registra dados de um caso a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência. Partindo disso, a pesquisa se desenvolveu nas três etapas dadas pelo autor, sendo elas:

a) a seleção e delimitação do caso:

Segundo Chizzotti (1991), a delimitação deve precisar os aspectos e o limite do trabalho a fim de reunir informações sobre um campo específico e fazer análises sobre objetos definidos a partir dos quais se possa compreender uma determinada situação. No caso desta pesquisa, o objeto de estudo é o aluno surdo e a análise sobre como se dá o processo de alfabetização e letramento dentro de sala para esta criança.

b) o trabalho de campo:

Para Chizzotti (1991) o trabalho de campo visa reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações.

c) organização e redação do relatório:

Nesta última etapa, Chizzotti (1991) discorre que seu objetivo é apresentar os múltiplos aspectos que envolvem um problema, mostrar sua relevância, situá-lo no contexto em que acontece e indicar as possibilidades de ação para modificá-los

Partindo desses pressupostos, este trabalho foi desenvolvido primeiramente a partir de uma pesquisa bibliográfica, onde se encaixa na etapa de *seleção e delimitação do caso*, realizada por intermédio de autores da área de Alfabetização e Letramento, Bilinguismo e Estudo de caso, que corroboram com a temática em questão, conforme já apresentados neste trabalho.

O segundo momento da pesquisa foi o *trabalho de campo*, que ocorreu o processo de observação dentro de uma sala de aula do ensino regular infantil, contendo 20 alunos, sendo apenas um surdo. Houve observação também na sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE, onde teve participação da professora do AEE e o aluno surdo.

E por fim, a terceira etapa que se deu a partir da *organização e redação do relatório* da experiência em sala de aula e dos dados coletados, que será explanado a frente na Análise e interpretação dos dados coletados.

A coleta de dados ocorreu no período de três meses, com uma criança surda do 2º período do ensino infantil da Escola Municipal de Ensino Infantil Meu Pé de Laranja Lima, localizada na cidade de Macapá – AP, no bairro Santa Rita.

1.2 Observação e Coleta de dados

O processo de coleta de dados se deu no dia 18 de setembro até 18 de dezembro de 2019. A observação ocorreu na sala de ensino regular, na turma E, do 2º período do ensino infantil, no turno vespertino, no horário de 13h30min às 17h30min, todas as quartas-feiras. As técnicas de coleta de dados foram: observação no ambiente escolar, notas de campo, entrevista estruturada e fotos.

A professora regente da classe, doravante chamada de professora “G” se mostrou disposta a ajudar na pesquisa e ficou contente com a iniciativa da pesquisa voltada para o cotidiano do Pablo⁵ o único aluno surdo da turma. No entanto G não tem quase nenhum conhecimento da Libras. A professora se comunica bem pouco com o aluno surdo utilizando gestos e alguns poucos sinais, assim como os demais colegas da turma, porém é visível o esforço da turma para se comunicar com o colega surdo.

O aluno tem cinco anos de idade, ainda não alfabetizado nem em Libras e nem português. Foi informado pela mãe e pela professora G que um tempo antes desta pesquisa se iniciar o aluno passou um tempo doente e sem ir para a escola ou para o Centro de Atendimento ao Surdo - CAS, e por isso sente-se envergonhado ou sem vontade de estudar Libras, visto que percebe ser o único aluno “diferente” na classe. O conhecimento do aluno em Libras é mínimo, dado que ele ainda está na fase inicial dos estudos. No entanto, ele já tem conhecimento de alguns sinais.

As aulas são todas ministradas em português oralizado. A professora faz uma roda com os alunos da sala de aula e, primeiramente faz com que os alunos confirmem quantas crianças tem na sala, seguido de músicas infantis com gestos nos quais o aluno surdo consegue reproduzir, mesmo sem saber o que significa. Após a roda de canções, os alunos

⁵ O nome verdadeiro do aluno foi utilizado com o consentimento da família, assim como também o nome do aluno consta em algumas atividades, como é possível ver nas fotos.

sentam nas cadeiras e recebem uma atividade em português escrito, o aluno recebe a mesma atividade sem nenhum acompanhamento ou explicação em Libras, visto que a professora G não tem o conhecimento desta língua.

O aluno senta em uma mesa com mais três alunos, os alunos ouvintes mostram muito interesse em conversar com o colega surdo na língua dele, com auxílio da pesquisadora, os colegas aprenderam alguns sinais e tentam reproduzir com o aluno, e mesmo com dificuldades na comunicação, os alunos conseguiram reproduzir os sinais de “boa tarde” e “tudo bem” com o Pablo, que pareceu entender e responder de volta.

Todos os alunos têm uma plaquinha com o nome escrito para reproduzirem o nome nas atividades, até então o aluno surdo não reproduzia o próprio nome, então, a pesquisadora foi escrevendo letra por letra, reproduzindo cada uma em Libras e o aluno conseguiu reproduzir algumas letras como o P, B, e o O, as demais letras ele mostrou ter dificuldade para escrever, mas segundo a professora, na idade dele essa dificuldade é normal. No entanto, a maioria dos alunos ouvintes da sala já consegue reproduzir o nome com o auxílio da plaquinha.

A escola e sala de aula têm algumas plaquinhas em Libras, como, a plaquinha do cantinho da água, mesa, banheiro, pia, entre outros, mas o aluno surdo só consegue identificar alguns sinais (os que lhe foram explicados ou que já tem conhecimento). Também há na sala o alfabeto e vogais em Libras que foram colocados pela professora do AEE, doravante chamada de professora “F”, mas raramente a professora G utiliza esses materiais.

O aluno tem aulas no AEE às segundas e à quartas. Foi observado, nas aulas de quarta, que a professora F deixa o aluno escolher um jogo e brincar, seguido de alguma atividade com sinais em Libras e o alfabeto da língua portuguesa, após a atividade o aluno escolhe mais um jogo e depois retorna para a sala de aula regular. A professora F tem pouco conhecimento da língua de sinais, o que dificulta o aprendizado do aluno, o tempo do atendimento no AEE é de cerca de 30 minutos.

A professora F comentou que já deu algumas aulas na sala de aula regular do aluno surdo mostrando o alfabeto e vogais em Libras, com o uso de imagens das letras em português também para que o aluno surdo pudesse identificar as letras.

Como o aluno também faz acompanhamento no CAS, ele já tem alguma noção de algumas letras em Libras. Mas sempre que possível, nas aulas, a professora F leva o alfabeto manual e em português escrito e treina junto com os alunos ouvintes que também reproduzem os sinais. Desta maneira, o Pablo tem mais interesse em interagir do que somente na sala de aula do AEE onde não tem contato com as outras crianças.

2. Análise e Interpretação dos dados coletados

Esta análise foi feita partindo da observação do aluno surdo no ambiente escolar visando compreender como se dá o processo de alfabetização e letramento deste aluno no campo de ensino regular, como já citado anteriormente. Para isto, com base em André (2012, p. 43), entende-se que o processo e pesquisa, no campo educacional, se faz “basicamente por intermédio da observação direta das situações de ensino-aprendizagem, assim como por meio da análise do material didático utilizado pelo professor e do material utilizado pelo aluno”.

Durante os três meses de trabalho em campo, foram observados a escola de um modo geral, a professora da sala de aula regular, a professora do AEE e o aluno surdo. A escola possui salas com sinais em Libras, por exemplo: “secretaria”, sala do “AEE”, “coordenação”, também tem banheiros sinalizados (sinal de “banheiro” na porta), e dentro da sala observada também há o alfabeto e vogais sinalizadas, assim como alguns sinais como “água”, “mesa” e “pia”. A professora G que tem um aluno surdo na turma, não tem quase nenhum conhecimento da Libras, comunicando-se com o aluno por meio de gestos ou apontando para o que o aluno tem que fazer.

A professora F disse saber pouco da língua de sinais. O aluno surdo de 5 anos tem conhecimento de alguns sinais, e no tempo em que a pesquisadora esteve em sala, ele conseguiu de certa forma se expressar bem, algumas vezes utilizando gestos, visto que no ambiente escolar ele se comunica desta forma.

Como já discutido no referencial teórico, o processo de alfabetização e letramento é de suma importância desde os anos iniciais na escola. E, atualmente o letramento é um termo cada vez mais usado no Brasil e, segundo Soares (2017), letramento e alfabetização são dois processos que devem ser trabalhados simultaneamente na escola mesmo apresentando conceitos diferentes.

À vista disso, a realidade na escola é muito diferente do que é idealizado para o procedimento de alfabetização e letramento de uma criança surda. A escola possui sim sinalizações em Libras, o que indica ser, a princípio, uma escola inclusiva. Porém dentro de sala, principalmente, o processo de alfabetização da criança surda é procrastinado, visto que as aulas são oralizadas. Uma vez ou outra a professora utilizou Libras dentro de sala, ainda sim foi de forma oralizada. O letramento da criança ficou voltado para a forma em que ele aprendeu a se comunicar na escola, a partir do uso de gestos, apontando, ou levando a pessoa até o destino em que ele deseja ir.

Porém, durante o período de observação, mesmo que, a princípio de forma tímida e um pouco insegura, foi possível perceber a vontade da criança surda de se comunicar em Libras com a professora e os colegas de sala. Neste sentido, a base desse aluno surdo na sala de aula será sempre o letramento, já que a leitura e a escrita são, fundamentalmente, meios de comunicação e interação, e a alfabetização é vista pela criança como instrumento que possa envolver-se nas práticas e usos da língua escrita (Soares, 2017).

Durante o período da observação em campo, foi perceptível ver que, sem a fluência das professoras em Libras, tanto da sala de aula regular quanto da sala do AEE, esse aluno vai ter um processo de alfabetização e letramento tardio, quando muito se este ocorrer. É lamentável perceber que, enquanto se discutem as práticas e usos sociais da escrita (SOARES, 2017), para crianças no início do processo de escolarização, o aluno, sujeito deste estudo de caso, mal tem acesso à sua língua de conforto que é a Libras (sua L1).

Perguntas de pesquisa e dizeres das professoras

Foram feitas perguntas para as professoras da sala regular e do AEE com base no que foi observado e também com o intuito de responder às hipóteses desta pesquisa.

Pergunta 1: Você tem dificuldade de comunicação com o aluno surdo em que trabalha?

Professora G: “Tenho sim, é complicado explicar pra ele o que ele tem que fazer nas atividades ou quando preciso chamar atenção eu tenho que fazer o tempo todo o gesto com o não, outro dia até perguntei pra mãe dele qual o sinal de ‘não pode’ pra eu poder usar com ele em sala”.

Professora F: “Bom, eu tenho o conhecimento básico de Libras e uso com o Pablo, mas ele sabe muito pouco de Libras e acho que isso dificulta o aprendizado dele”.

É necessário compreender que a criança já entra na escola com uma realidade. No caso do aluno surdo desta pesquisa, ele não possui nem a primeira língua (Libras) e nem a segunda língua (Português escrito), ou seja, este aluno está na fase da aquisição de duas línguas, primeiro a língua de sinais e através dela o português escrito, o que pode ser confundido com bilinguismo consecutivo, que ocorre quando a criança adquire a segunda língua ainda na infância, mas após ter adquirido as bases linguísticas da L1.

O pesquisador Wei (2000) expõe que, de acordo com a idade de aquisição da segunda língua, dá-se o bilinguismo infantil, adolescente ou adulto. No infantil, que seria o caso de Pablo, o desenvolvimento do bilinguismo ocorreria simultaneamente ao desenvolvimento cognitivo. O bilinguismo infantil subdivide-se: em bilinguismo simultâneo e bilinguismo consecutivo.

No bilinguismo simultâneo, a criança adquire as duas línguas ao mesmo tempo, aprendendo desde o seu nascimento com a exposição das línguas. Por sua vez, no bilinguismo consecutivo, a criança adquire a segunda língua ainda na infância, mas após ter adquirido as bases linguísticas da L1, aproximadamente aos cinco anos. O que ainda não é o caso do Pablo que não possui nenhuma das duas línguas, visto que o mesmo conhece pouquíssimos sinais da Libras e não sabe ler.

Pergunta 2: Você acha que o aluno está de fato conseguindo aprender os conteúdos, mesmo sem compreender uma língua?
--

Professora G: “Eu acredito que sim, o Pablo é muito inteligente, consegue reproduzir algumas letras, adora fazer as atividades de pintar e aos poucos ele vai se integrando as atividades”.
--

Professora F: “Quando ele chegou aqui no AEE, ele não sabia nem uma letrinha, nem em Libras e nem em português e agora ele já sabe algumas coisas, então eu posso dizer que sim”.
--

De fato o aluno surdo é muito inteligente e consegue reproduzir o que as professoras ensinam. E esse processo pode ser considerado como letramento, visto que o mesmo ocorre antes do processo de alfabetização conforme aponta Kleiman (2005).

Pergunta 3: Qual a sua opinião a respeito dos recursos necessários para atender um aluno surdo?
--

Professora G: “Eu acho que seria bom ter um intérprete dentro de sala, mas de qualquer forma ainda sim teríamos dificuldade com o fato do Pablo não saber muito de Libras”.
--

Professora F: “Eu acredito que faltam brinquedos em Libras pra incentivar o aluno a estudar a própria língua dele, porque vários jogos que envolvem língua portuguesa, mas pro Pablo não parece interessante porque não chama a atenção dele brincar com algo que ele não entende”.
--

É perceptível nas respostas das duas professoras que a língua de sinais não é citada como um recurso necessário para o ensino de um aluno surdo. Logo, vê-se a importância de pesquisas como essa para difundir o ensino aprendizagem da língua de sinais, tanto para os alunos quanto também para os professores.

A visão sobre os recursos para o ensino de um aluno surdo está limitada aos jogos, atividades didáticas e a introdução de um intérprete na sala de aula. O que causa um atraso considerável no processo de letramento e alfabetização da criança surda. com isto (PEREIRA, 2009, p. 14) dispõe que:

"A preparação dos profissionais, os recursos e a infraestrutura ainda são polêmicas no meio da inclusão social e escolar, o que podemos dizer é que a inclusão escolar só irá acontecer quando todos estiverem preparados e capacitados para receber alunos com necessidades especiais em salas de aula."

Pergunta 4: Você considera a escola Meu Pé de Laranja Lima uma escola inclusiva?

Professora G: “Sim, eu considero. A escola recebe alunos com vários tipos de condições e aqui nós tentamos atender da melhor forma possível esses alunos”.

Professora F: “Sim, a escola é inclusiva. Tanto para o Pablo quanto para os demais alunos. No caso do Pablo, a escola é toda sinalizada, eu mesmo cuidei de sinalizar as salas e a sala de aula em que ele estuda”.

A escola Meu Pé de Laranja Lima de fato é sinalizada em LIBRAS, no entanto faz-se necessário rever as metodologias utilizadas com os alunos surdos, uma vez que a escola para ser considerada inclusiva deve responder e reconhecer às necessidades de cada aluno, para que seja assegurada uma educação de qualidade, como discorrem Mendonça, Nascimento, Silva e Fernandes (2018).

Pergunta 5: O que você sabe a respeito de letramento e alfabetização?

Professora G: “Difícil, hein?! Bom, eu sei responder sobre alfabetização que é com o que eu trabalho. A alfabetização é uma sequência de etapas que levam o aluno a aprender a ler e escrever”.

Professora F: “Letramento eu creio que é o processo de interação do aluno, enquanto alfabetização está mais ligada ao ato de ler e escrever”.

Alfabetização e letramento são de fato conceitos difíceis de abordar. Contudo, são de suma importância no que tange ao ensino aprendizagem de crianças tanto ouvintes quanto crianças surdas, e isso engloba uma série de fatores, os quais foram abordados aqui. Como: recursos necessários para ensinar, aquisição de L1 e L2, processo de aprendizagem do aluno surdo, entre outros.

A professora F conseguiu explicar de uma forma simples e básica uma ideia do que é alfabetização e letramento. Partindo das respostas das professoras, fica claro a dificuldade de letrar e alfabetizar uma criança, quando não sabem de fato os conceitos de letramento e alfabetização. Segundo (SOARES, 2017), o processo de letramento e alfabetização está relacionado principalmente aos procedimentos metodológicos e didáticos dados pelos educadores.

O aluno surdo e o processo de Letramento e Alfabetização no ensino infantil

Pablo é surdo, tem 5 anos e estava no segundo período do ensino infantil durante o processo de pesquisa em campo. O aluno é muito inteligente e adora interagir com os coleguinhas de turma. Ele conhece alguns sinais da Libras, poucos, mas durante a coleta de dados foi possível estar em comunicação por meio de gestos e alguns sinais.

Figura 1: Aluno fazendo uma atividade de números em Libras na sala do AEE.



Fonte: pesquisa de campo (MORAIS, 2019)

O aluno tem um jeito de se comunicar de acordo com a pessoa, por exemplo: para chamar atenção da professora ou de algum coleguinha, ele utilizava sons oralizados, para conversar com alguém que já usou a língua de sinais, ele tocava na pessoa e sinalizava ou fazia o gesto do que queria falar, porém, notou-se que com a professora do AEE que apesar de saber um pouco da língua de sinais, ele se comunicava pouco em Libras e utilizava os sons ou apontava para a ação que gostaria de fazer ou o que gostaria de dizer. Considera-se esse processo como letramento, visto que, a criança está promovendo e desenvolvendo seus processos mentais, tais como o raciocínio, a memória ativa, a resolução de problemas e a superação de dificuldades encontradas no dia a dia (PEREIRA 2009, p. 24).

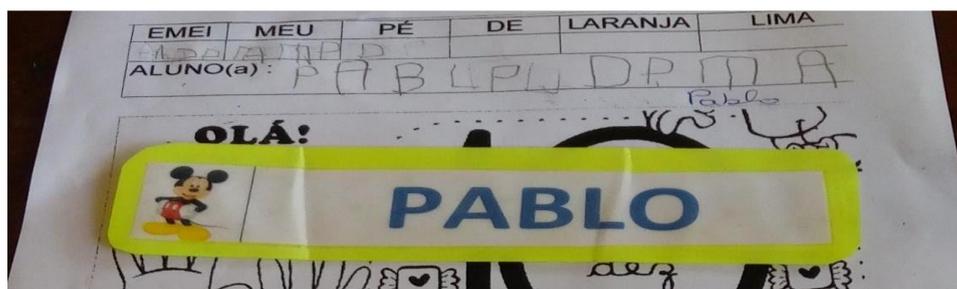
Figura 2: O aluno está circulado na foto. Foto tirada no início da aula.



Fonte: pesquisa de campo (MORAIS, 2019).

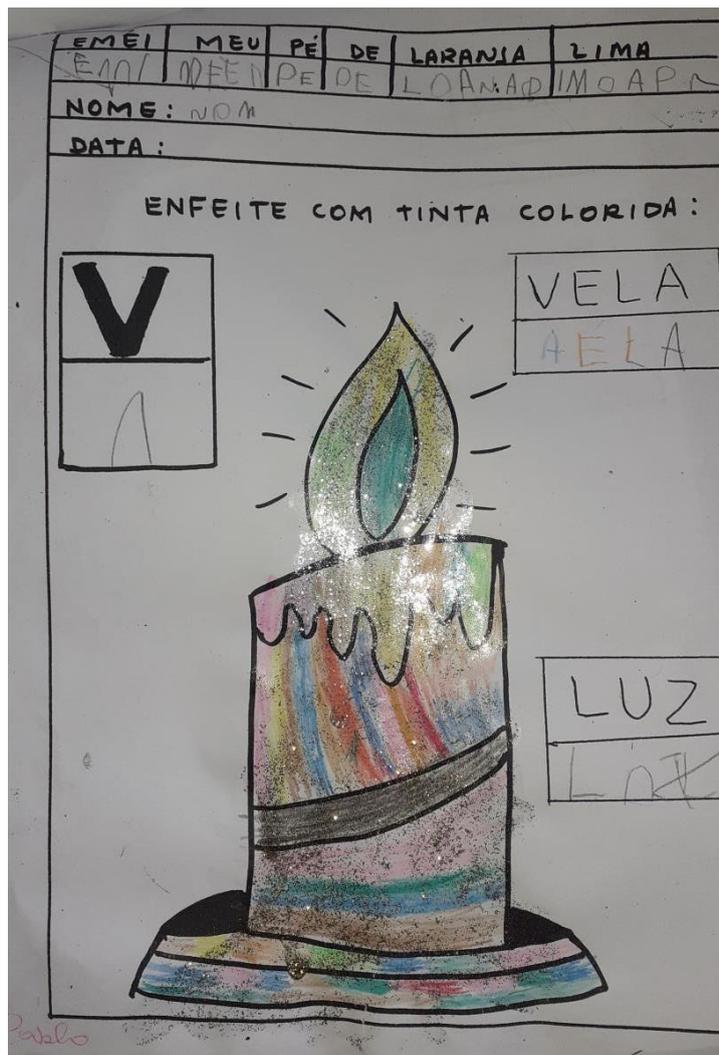
Na foto acima, a professora deixou as vogais no meio da roda e pediu para uma criança de cada vez pegar uma letra e dizer qual letra é, quando a criança respondia, ela confirmava a letra e então pedia para que a pesquisadora fizesse o sinal da letra, assim todos repetiam a letra em Libras. O Pablo percebendo que todos estavam reproduzindo as letrinhas com as mãos, vendo os colegas repetirem os sinais das letras, ele se mostrava mais animado com a aula.

Figura 3: O aluno está circulado na foto. Foto tirada no início da



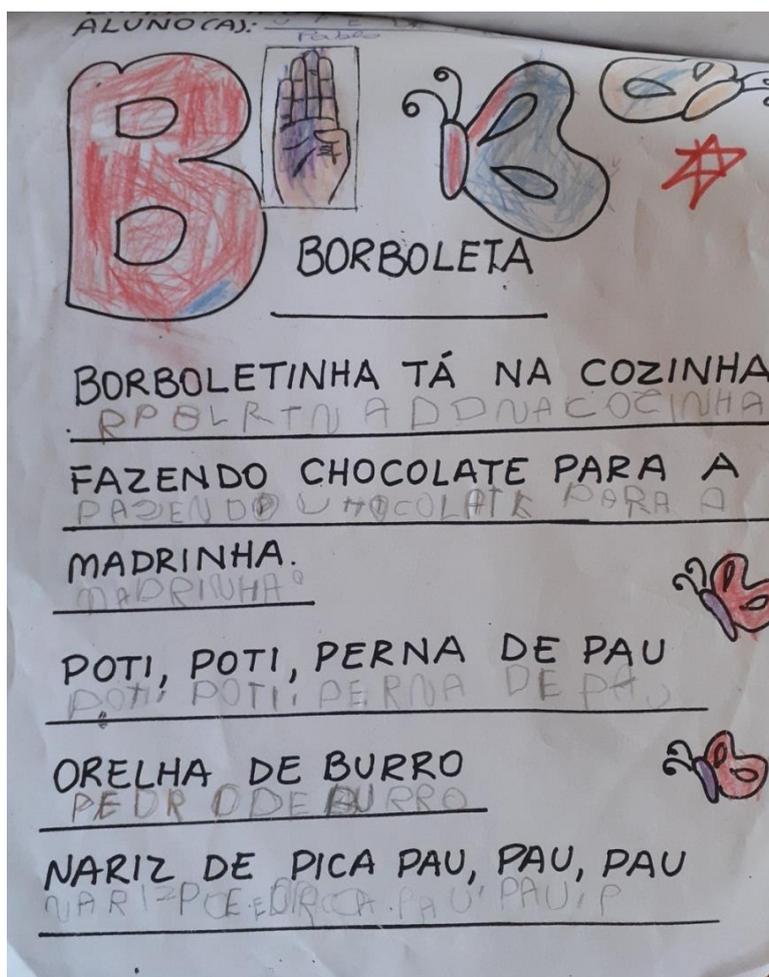
Fonte: pesquisa de campo (MORAIS,

Na foto onde está o nome do aluno percebem-se as letras P, A, B, L, P, D, P, E e A. Essas letras são as letras nas quais o aluno mais usa na língua de sinais, letras nas quais se forem reproduzidas em língua de sinais ele consegue escrever no papel. Foi um processo difícil, pois ele ainda não conseguia reproduzir nada no papel e esta foto foi um dos primeiros registros de escrita do aluno.



Fonte: pesquisa de campo (MORAIS, 2019)

Na imagem acima, é possível perceber no espaço onde está escrito o nome da escola, que o aluno já consegue reproduzir mais letras. No entanto, o foco desta imagem é a escrita do aluno, que reproduz as letras V e U de forma “contrária”, assim como a letra E da foto anterior, que na imagem se assemelha a letra M. Esse processo é chamado de escrita espelhada e acontece na fase da aquisição da escrita, não só com crianças surdas, mas com crianças ouvintes também. A psicopedagoga Júlia Eugenia Gonçalves (2020) explica que esse processo de espelhamento da escrita ocorre devido a dificuldade que a criança encontra para reverter a ação de escrever, neste caso em que a criança escreve no sentido contrário, trata-se de uma manifestação típica do pensamento pré-operatório e esta é uma característica que ocorre no pensamento infantil e que acontece em determinado período do desenvolvimento da criança.



Fonte: pesquisa de campo (MORAIS, 2019)

Nesta atividade, nota-se uma evolução na escrita do aluno, formação de algumas palavras completas e algumas incompletas. Durante a coleta de dados, foi possível perceber as evoluções na escrita do aluno e também no uso da língua de sinais, dado que durante as aulas de quarta o aluno se comunicava em Libras com a pesquisadora.

Analisando os dados coletados aqui nesta pesquisa, a discussão de alfabetização e letramento suscita a ideia de que ambos são componentes da introdução da criança no mundo da escrita a serem desenvolvidos separadamente. Embora as atividades de alfabetização e letramento se diferenciem tanto em relação aos procedimentos metodológicos e didáticos que os orientam, essas atividades devem desenvolver-se integradamente, aponta (SOARES, 2000). Se é desenvolvido um, mas o outro não, a criança terá uma visão parcial, e, portanto distorcida do mundo da escrita (SOARES, 2017) ou é necessário para o processo de aprendizagem dessa criança trabalhar a L1 seguida da L2, torando-a assim uma criança bilíngue, fazendo com que o aluno possa conhecer o mundo e ter sua independência (Pereira, 2009, p. 24). São claros os desafios no que tange ao ensino bilíngue, e, colocando esta realidade juntamente com o

processo de letramento e alfabetização de uma criança surda na escola regular, é de fato uma missão difícil, mas não impossível, como se pode notar na evolução das atividades feitas na sala de aula regular com o auxílio da pesquisadora utilizando e incentivando o uso da língua de sinais.

Respondendo às perguntas desta pesquisa, o aluno surdo sem a sua L1 e a L2 procura comunicar-se as pessoas de acordo em como cada pessoa pode se comunicar com ele. No que se refere ao aprendizado do aluno surdo, este é um processo que ocorre de forma mais lenta devido o aluno não ter uma língua materna para se basear, porém, ainda sim, como foi mostrado aqui, ele consegue reproduzir e identificar algumas letras e até palavras do português, se for lhe ensinado em Libras.

A escola trabalhada nesta pesquisa inclui ao mesmo tempo em que exclui esse aluno surdo: inclui quando recebe o aluno dentro da escola, mas exclui quando não pode oferecer os recursos necessários para a sua educação ser de fato eficaz. Para desenvolver o processo de letramento e alfabetização, antes de tudo, a escola precisa estar ciente de tais conceitos, no qual esta pesquisa também teve como intenção. Logo, a escola faz a sua parte com os recursos que possui, mas ainda falta trabalhar acerca do assunto dentro da escola, que está apenas focada mais no ensino da maioria (ouvintes), deixando de lado o aluno surdo e o processo de ensino que ele necessita.

Os resultados desta pesquisa demonstraram o quanto a alfabetização pensada a partir dos estudos do letramento no ensino infantil são necessários, pois é na sala de aula que o processo de alfabetizar letrando se inicia, e quando se trata do ensino aprendizagem de alunos surdos, este se torna um exercício lento e mal estruturado, excluindo o aluno de obter uma educação de qualidade.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar como se dá o processo de Letramento e Alfabetização dessa criança dentro da sala de aula regular e de forma específica foi procurado observar, analisar e expor a realidade desse aluno no ambiente escolar e esses objetivos foram concluídos com sucesso, trazendo discussão, conteúdo e as respostas para esta pesquisa.

Os autores aqui citados foram de suma importância, enriquecendo e trazendo questões interessantes para esse trabalho. A escola aqui pesquisada ainda necessita de recursos para oferecer um ensino aprendizagem inclusivo de qualidade, no entanto, apesar das dificuldades, os profissionais vêm tentando mudar essa realidade.

O ganho desta pesquisa foi poder estar presente na realidade de um aluno surdo, vivenciar a experiência real do professor dentro da sala de aula no ensino regular, observar os desafios encontrados e as barreiras de comunicação que são encontradas por ausência de comunicação em Libras. Com essa pesquisa, espera-se que se abram discussões acerca do processo de letramento e alfabetização de crianças no ensino infantil, onde esse processo que é tão importante se inicia, porém é pouco citado no que tange ao processo de ensino e aprendizagem.

A educação precisa ter uma finalidade concreta para que motive o desejo de aprender, ao cumprir seu propósito na comunicação abrindo possibilidades e ampliando conhecimentos. A educação inclusiva vem sendo o foco de vários estudos que consideram a inclusão social como sendo algo de fundamental importância para que as pessoas com deficiência possam ser inseridas na sociedade. Pode-se perceber a influência que a inclusão exerce no contexto das relações entre os indivíduos inseridos na educação.

Nota-se que com relação à educação especial muito ainda se tem que avançar. O letramento tem como objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social. Na perspectiva do letramento, entendemos que a escola seja uma agência social importante para a socialização dos gêneros do discurso secundários associados às linguagens sociais em que se fundam.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia na prática escolar*. – 18º ed. – Campinas, SP. Papyrus, 2012. – (Série Prática pedagógica).

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991. – (Biblioteca da educação, SÉRIE1. Escola: v. 16).

BRASIL: DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 03 de março, 2020.

FERNANDES, Eulalia. RIOS, Katia Regina. **Educação com bilinguismo para crianças surdas**. INTERCÂMBIO, Vol.VII, 1998 (13-21). Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos_edespecial/educacao_bilinguismo.pdf.

BRASIL: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB): http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.

BRASIL: LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm.

GOLDFELD, M. (2002). **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. (3a ed.). São Paulo: Plexus.

GONÇALVES, Júlia Eugênia. **A inversão na escrita: letra espelhada**, publicação em: 07/01/2020. Disponível no site Edup: Educação e psicopedagogia. Disponível em: <http://www.edupp.com.br/2020/01/a-inversao-na-escrita-letra-espelhada/>.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.
Disponível em:
<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/242/196>.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso ensinar "letramento"? Não basta ensinar a ler e escrever?** Linguagem e letramento em foco: 2005, p. 18. Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com>

LAKATOS, Eva Maria. MARKONI, Marina de Andrade . **Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2011.

McLEARY, Leland Emerson. **Bilinguismo para surdos: brega ou chique?** (Mesa redonda: Os surdos e o bilinguismo - da casa para o mundo. V CONGRESSO INTERNACIONAL E XI SEMINÁRIO NACIONAL. Surdos: família, linguagem, educação. Rio de Janeiro: INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322591685_Bilinguismo_para_surdos_brega_ou_chique.

MENDONÇA, Joyce da Silva Cruz de. NASCIMENTO, Pedro Vinicius França. SILVA, João Marcos Fernandes da. FERNANDES, Francyllayans Karla da Silva. **Surdez e Educação Inclusiva: Um desafio contemporâneo**. V CONEDU - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/49056>.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: A aquisição da linguagem**. Porto alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. **LIBRAS**. SP: Parábola, 2019.

SANTANA, Ana Paula. (2007). **Surdez e linguagem: Aspectos e implicações neolinguísticas**. (2a ed.). São Paulo, SP: Plexus.

SKLIAR, Carlos (Org.) - **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. - 3ª ed. São Paulo, Editora Mediação, 2013.

SKLIAR, Carlos (Org.) – **Atualidade da educação bilíngue: interfaces da linguística**, vol. 2. 6. Ed. Porto Alegre, Editora Mediação, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema de três gêneros**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 7. ED., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2017.

PEREIRA, Simone Rodrigues. **Os processos de Alfabetização e Letramento em LIBRAS: um percurso semiótico** / Simone Rodrigues Pereira. Bebedouro: Fafibe, 2009.

SANTOS, Terezinha da Costa. **Alfabetizar Letrando**. Revista Brasileira De Educação E Saúde 2008. Disponível: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/2617>rasil.files.wordpress.com

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1997

WEI, Li. *Dimensions of Bilingualism*. In: Li Wei, *The Bilingualism Reader*. 13 London ; New York : Routledge, 2000.